

SOBRE O HOMEM DOS LOBOS: UM ENCONTRO E REENCONTRO COM O INESPERADO

ABOUT THE WOLF MAN: AN ENCOUNTER AND
REENCOUNTER WITH THE UNEXPECTED

Manola Vidal

LIVRO: O RETORNO DO HOMEM DOS LOBOS

ORGANIZADORES: DÉBORA ZAFFARI LORA / SANDER MACHADO DA SILVA

PORTO ALEGRE: SULINA, 2018, 286 P

O desafio no trabalho de resenhar o livro *O retorno do homem dos lobos*, uma seleção de trabalhos organizada por Lora e Silva, foi o de sustentar dois movimentos: o da confirmação sobre a importância do lugar ocupado pelo caso clínico de Freud, publicado em 1918, e o da *História de uma neurose infantil*, no panorama da produção do conhecimento psicanalítico, observando como os autores reencontram este lugar de importância, produzindo algo novo no já conhecido. O resultado foi o do encontro com o inesperado, que se tornou possível buscando em cada texto selecionado a experiência do autor na sustentação destes dois movimentos.

Em “Os desafios de uma apresentação de caso (a propósito do Homem dos Lobos)”, conferência realizada por Chemama e organizada pelos membros da *Association Lacanienne Internationale*, indaga-se sobre o que é, de fato, a história do Homem dos Lobos e responde que a mesma é, antes de tudo, um entrelaçamento entre a história da teoria e da técnica com a do movimento psicanalítico marcado pelos interesses de Freud em contestar as concepções de Jung e Adler. Apesar desta perspectiva histórica, ela provoca indagações atuais: O que demandamos quando relemos o Homem dos Lobos? A cena primitiva é apenas uma fantasia que traz o risco da renúncia ao sexual e ao infantil na origem do conflito patogênico? Este caso clínico, um paradoxo, se relaciona com as dificuldades atuais da clínica contemporânea? A concepção lacaniana sobre os significantes da pulsão em relação às três correntes defensivas e em relação à castração permite que outro paradoxo se apresente. Não se trataria mais de perguntar como a forclusão pode esclarecer aquilo que aconteceu com o Homem dos Lobos, mas sim, destacar o que o trabalho de Lacan com o Homem dos Lobos nos oferece de novo. A rejeição radical da castração nos conduz também à rejeição que vale para as estruturas neurótica, psicótica e perversa, pois existiria em cada um o sentimento de não querer saber da castração. O recalçamento originário se constitui, então, como um paradigma para pensar o estatuto da Letra do Inconsciente, que se repete fora de qualquer significação. Prosseguindo, com Daniel Deloya em “Tempos de reencontro do Homem dos Lobos”, a compreensão, via narcisismo, da cena primária contém uma força de atração – promessa de inclusão e inserção – e, ao mesmo tempo, uma força contrária – a de exclusão e rejeição. Este paradoxo ligado às mensagens sexuais inconscientes dos pais endereçadas ao paciente e sua irmã, seriam menos enigmáticas e mais intrusivas, afetando o eu e dando margem a atuações per-

versas e psicóticas. A partir dos delírios hipocondríacos, relatados no segundo tratamento psicanalítico com Ruth Marck Brunswick, o autor se aproxima do conceito de cripta em Abraham e Torok. A cena freudiana do coito parental dá lugar à fantasia da cena de coito entre seu pai e sua irmã, que é acrescida pela experiência de ter sido rejeitado por ela. O temor de ser penetrado pelo pai e, por outro lado, a satisfação por empréstimo, da penetração da irmã pelo pai, expõe uma fragilidade incorporada, uma cripta no seio do eu, enclausurando o paciente em relação a própria vida psíquica. Com Inácio A. Paim Filho em “Serguei Constantivovitch Pankejeff: uma estranha memória sem lembrança do Homem dos Lobos”, a memória sem lembrança, presente na problemática dos traumas precoces, indaga ao trabalho de elaboração onírica, figurabilidade, sobre as condições de capturar as não imagens, os *fueros*. A importância de se poder dar palavra ao silêncio das origens, que possui na cena primária seu ponto de ancoragem, nos aproximaria do conhecimento sobre o inconsciente não recalcado, da constituição da sexualidade sem desejo, nos confrontando com os destinos da pulsão que são anteriores ao recalque. Freud se viu diante da necessidade de legitimar o que não pode ser lembrado, o traumático não passível de tradução, a cena primária que será inscrita e não transcrita. Com Bárbara de Souza Conte em “Homem dos Lobos: a sedução indaga o tempo”, a diferença do fluxo no tempo nos estados de luto e o não fluxo do tempo na experiência do tabu nos leva para a dinâmica narcísica entre o tempo ideal e o tempo necessário para a desilusão do objeto idealizado. O tempo da desilusão do objeto idealizado é permeado pela existência de mensagens enigmáticas que se originam em um adulto. A sedução estaria fora das séries temporais, pois é relativa à intromissão. A cena de sedução originária e o sonho apresentam uma inversão temporal: a cena do coito dos pais é lembrada depois do acontecimento do sonho e, então, o processo de resignificação da posterioridade. Sander Machado da Silva, através da versão do trabalho vencedor do prêmio Tuti em 2017, “Cenas do masoquismo no Homem dos Lobos”, esclarece o lugar ocupado pelo masoquismo na obra de Freud, afirmando a necessidade de se investigar a especificidade do masoquismo no Homem dos Lobos e o entrelaçamento entre prazer e dor. A problemática do diagnóstico é reconhecida como sendo um dos maiores desafios deste caso clínico e também reconhecida como um dos maiores desafios diagnósticos da era moderna. Dunker e Mendonça, em “O Homem dos Lobos como enigma diagnóstico”, percorrem as designações clínicas da neurose obsessiva em Freud, e paranoia em Ruth Mack Brunswick, observando uma grande cisão no que se refere aos diagnósticos realizados a partir daí. O autor cita os trabalhos de Lacan e Miller na descrição dos processos defensivos, relacionados à realidade insuportável, que produziriam o encapsulamento em uma realidade mais aceitável, produzindo uma descontinuidade: a da experiência de angústia flutuante, que caracterizou o estado mental do Homem dos Lobos. A questão diagnóstica retorna em Lora, “O Homem dos Lobos e o *fuero* do espelho”, a partir de sua imprecisão como característica das situações limítrofes, em que há falha na constituição do eu. A autora recorre a Roussillon e Lebrun na compreensão da recusa de percepção subjetiva, já que perceber-se é perceber a catástrofe, característica da questão narcísica. “O Homem dos Lobos: o homem que vence o tempo (estórias e história do homem dos lobos)” permite Francischelli fazer a seguinte indagação: Como nasce uma neurose infantil? Como se dá a fragmentação da libido? Qual seria o mecanismo indutor da psicose? O autor percorre os efeitos para a metapsicologia do novo mecanismo de defesa, o da rejeição a castração – *Verwerfung* –, fazendo referência aos trabalhos de Lacan sobre os diferentes papéis da rejeição nas

RESENHAS

diferentes análises deste paciente. O processo inacabado, que contribuiu para o recebimento da pensão pelos psicanalistas, colaborou com o estado de alienação do paciente em relação a sua verdade. Betts, em “Considerações sobre *O vocabulário do Homem dos Lobos - uma criptonimia*”, se aproxima da obra não publicada no Brasil, *Crytonimie: Verbier de L’Homme aux Loups* (Abraham & Torok), nas divergências apresentadas entre as perspectivas intersubjetivas e lacaniana. Para uma, existiriam dois sujeitos, e na outra, a imparidade subjetiva. A partir da perspectiva lacaniana o sonho é compreendido a partir do olhar, não apenas através da fascinação do sujeito pelo olhar dos lobos, mas porque, no olhar dos lobos, o fascinado seria o próprio sujeito. A pulsão escópica seria a chave do caso coincidindo com a constante pressão entre o ego na cripta e a outra parte do ego não encriptada. No último trabalho, “De como o Homem dos Lobos botou o dedo na ferida de Freud: Alucinação, perlaboração e construções em análise”, Kuperman e Dallazen reafirmam a atualidade da clínica psicanalítica ligada aos traumas que afetam a constituição narcísica e aos impasses que produz na técnica. A herança privilegiada do caso estaria ligada à questão técnica da construção, o que impele os autores a apresentarem a noção de perlaboração da contratransferência como dispositivo clínico. Sendo assim, imprescindível para o atendimento de casos difíceis a partir da compreensão da contratransferência narcísica de Freud nesse caso.

Dessa forma, este livro corresponde aos efeitos e aos retornos dos efeitos através do inesperado, presentes no trabalho dos psicanalistas que se debruçaram sobre o caso de maior repercussão para a clínica atual da psicanálise.

Manola Vidal

Psicóloga pela Universidade Gama Filho. Mestrado em Saúde da Criança – FIOCRUZ- Instituto Fernandes Figueira. Doutorado: Saúde da Mulher – FIOCRUZ - Instituto Fernandes Figueira. Pós-Doutorado: Saúde Mental e Psicanálise - Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental (PROPSAM) - Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formação em Psicanálise pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - Filiada a International Psychoanalytical Association.
E-mail: manolavidal@gmail.com